

## Liberdade de escolha, onde pode levar?

### Author(s):

[Serafim Duarte](#) <sup>[1]</sup>

### Show Author Info?:

0

Estou certo de que, tal como eu, muitos milhares de professores há muito que não se viam a apoiar um ministério da Educação. Lá diz o ditado popular: ?Mais vale tarde do que nunca?.

É necessário inverter a lógica de subfinanciamento e crescente desvalorização da escola pública, afirmando uma política de coragem que afronte os *lobbies* instalados e a chantagem dos interesses privados. Há que defender e valorizar a escola pública, requalificando-a, para que garanta o preceito constitucional de garantir a todos o direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar.

É justo, é legal e é desejável, do ponto de vista dos interesses públicos, o combate ao despesismo, bem como a racionalização dos contratos de associação, condicionando-os ao espírito da lei e às razões que justificaram a sua criação. Estes apenas se justificam em casos em que seja manifesta a ausência ou insuficiência de oferta pública e nunca como apoio financeiro ao funcionamento da iniciativa privada, que duplica oferta e concorre, na maior parte das vezes de forma desleal, quer com as escolas públicas, quer com as escolas privadas sem contratos de associação que, aliás, constituem a esmagadora maioria dos estabelecimentos particulares e cooperativos.

Em nome de uma pretensa ?liberdade de escolha?, o que está verdadeiramente em causa é a manutenção do negócio privado da educação, bem como uma agenda política e ideológica que lhe subjaz e almeja um caminho de desestruturação do ensino público e de mercantilização do ensino.

Pôr fim às rendas privadas, asseguradas por dinheiros públicos, é uma prioridade. Há que reforçar o investimento nas escolas públicas, contrariando as políticas de cortes sucessivos que conduziram ao seu subfinanciamento, potenciando a deterioração da qualidade do serviço educativo.

A ?liberdade de escolha? é o canto da sereia de conservadores e neoliberais, como estratégia para desestruturar a escola pública e promover a progressiva privatização do ensino. Os *lobbies* dos interesses privados e as forças económicas e políticas que os sustentam pretendem criar um mercado interno da educação. Defendem que através da competição entre escolas públicas e privadas, as escolas e a qualidade de ensino ganhariam eficiência e qualidade. É nesta perspetiva que emerge a ideia de ?liberdade de escolha? por parte das famílias, que desejavelmente seria assegurada pelo sistema de cheques de ensino,

à semelhança do que acontece com as *charter-schools* americanas, as *free-schools* inglesas, ou ainda as escolas independentes suecas, em que o Estado financia escolas geridas por privados.

Conservadores e neoliberais advogam, em conformidade, a separação entre funções de regulação, financiamento e prestação de serviço educativo desempenhado pelo Estado.

Acerca deste problema, a insuspeita OCDE, em relatório, relativamente recente, veio afirmar que **a maior liberdade de escolha da escola está associada a maiores diferenças na composição social dos públicos escolares, evidenciando uma forte correlação entre liberdade de escolha e segregação escolar**(1). Onde estas políticas educativas foram postas em prática, a tendência é para criar escolas de primeira e de segunda, que agravam as assimetrias sociais, sem ganhos na qualidade de ensino e das aprendizagens.

Como refere, Diane Ravitch(2) - que na década de 90 desempenhou o cargo de secretária-adjunta de Educação e conselheira do secretário de Educação na administração de George W. Bush, tendo sido uma das impulsionadoras da lei programa *No Child Left Behind* (NCLB), que está na origem do fecho de centenas de escolas públicas e da sua entrega à administração privada - os resultados empíricos da reforma educativa americana não permitem afirmar que as escolas administradas por concessão privada apresentem melhores resultados escolares. Segundo a mesma autora, o que se verificou foi que as escolas administradas por concessão têm capacidade para atrair e selecionar os estudantes mais motivados, provenientes de famílias mais favorecidas, que apoiam e estimulam a educação, o que lhes permite captar mais recursos financeiros, nomeadamente, através de fundações. Dispondo de mais recursos podem oferecer turmas mais reduzidas e mais tempo para atividades de aprendizagem e de enriquecimento curricular. Os alunos com mais dificuldades e menor motivação, não encontram outra alternativa se não as escolas públicas. A privatização das escolas tende a criar um sistema de dois níveis cada vez mais desigual, não respondendo ao desafio central que é o de **como educar todos os estudantes**.

Mais recentemente, Diane Ravitch, assumindo os erros da orientação expressa na lei NCLB, que impôs o fecho de escolas públicas que não conseguiram atingir as metas de resultados estabelecidas, criticou a política de privatização do ensino continuada pela administração Obama, afirmando que as escolas públicas *estão em crise graças a ataques persistentes e orquestrados que lhe são dirigidos [?] e que ferem os princípios básicos da responsabilidade pública da educação. Estes ataques criam um falso sentimento de crise e servem os interesses de quem quer privatizar as escolas?*(3).

Na Europa, a Inglaterra e a Suécia são sistematicamente apresentados como modelos a seguir na criação de autênticos mercados internos de educação, assentes na liberdade de escolha das famílias. O caso sueco é paradigmático. Desde os inícios da década de 90 que instituiu os cheques ensino entregues às famílias para que possam escolher a escola para os seus filhos. Cerca de 25% dos alunos do ensino médio da Suécia frequentam escolas financiadas com recursos públicos, mas administradas pela iniciativa privada. Grande parte dessas escolas privadas é controlada por empresas de *private equity* e grandes corporações que administram centenas de estabelecimentos educativos. Entretanto os resultados escolares obtidos pelos alunos suecos no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) sofreram uma acentuada queda, classificando a Suécia atrás de Portugal nas competências de Matemática, Leitura e Ciências.

Na Suécia, o poder político colocou na agenda política a necessidade de reverter a

orientação das políticas educativas assentes na desregulamentação da educação e na liberalização do mercado educativo, que o abriram à iniciativa privada com fins lucrativos.

Em Portugal, deveríamos aprender com este exemplo, que serviu de bandeira aos defensores da liberdade de escolha e do cheque ensino, evitando opções que se revelaram erradas e com efeitos tão fortemente negativos.

■

Notas:

1 - OECD. No more failures: ten steps to equity in education. Paris, OECD, 2007

2 - Ravitch, Diane, Vida e morte do grande sistema escolar americano: como os testes padronizados e o modelo de mercado ameaçam a educação. Porto Alegre: Sulina, 2011.

3 - Diane Ravitch, Reign of Error: The hoax of the privatization movement and the danger to america?s public schools. New York: Knopf, 2013, cit. in Viseu, Sofia. (2014). Revisitando o debate sobre o público e o privado em educação: da dicotomia à complexidade das políticas públicas. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, 22 (85), 899-916. (<http://hdl.handle.net/10451/12393> [2])

## Sumário da Home:

A ?liberdade de escolha? é o canto da sereia de conservadores e neoliberais, como estratégia para desestruturar a escola pública e promover a progressiva privatização do ensino.

## Lead:

A ?liberdade de escolha? é o canto da sereia de conservadores e neoliberais, como estratégia para desestruturar a escola pública e promover a progressiva privatização do ensino.

## Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogsfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

---

**URL de origem:** <http://www.esquerda.net/opinioao/liberdade-de-escolha-onde-pode-levar/42978>

## Ligações:

[1] <http://www.esquerda.net/autor/serafim-duarte>

[2] <http://hdl.handle.net/10451/12393>